

A desigualdade de gênero, em diversas esferas, é o produto resultante das seguintes problemáticas: machismo, sexismo, patriarcado, e misoginia. Esses acorrentam a sociedade até os dias atuais, e atuam como as raízes para diversas situações de privação dos mais variados campos, principalmente para o gênero feminino, e de maior impacto em mulheres negras. Contudo, isso não é um fator que as impossibilitou de atuarem em revoluções de múltiplos setores, entre eles: a ciência.

A ciência foi palco para diversas mulheres desenvolverem em grande parte suas habilidades, seus conhecimentos, seus talentos, sua curiosidade, e suas ousadias em relação à procura de descobertas científicas. Sempre presentes, mas nem sempre reconhecidas, mulheres de todo o planeta mudaram e mudam de forma significativa a percepção, a tecnologia, a medicina e fisiologia, as ciências humanas e naturais, e vários campos do saber científico.

A falta de visibilidade, motivação, investimentos e influências durante a Educação Básica, a autoestima necessária para se reconhecer como cientista, e principalmente a falta de espaço, são fatores determinantes na discrepância do número de mulheres cientistas. Dadas essas possíveis causas, aliadas aos fatores já citados anteriormente, o número reduzido de mulheres na ciência é explicado, mas não justificado, e não deveria ocorrer uma vez que a participação dessas é de extrema relevância para a construção e descobertas científicas, tais como: Marie Curie.

No entanto, muitos não admitem ou consentem tamanho infortúnio, a exemplo das lutas memoráveis como: a dos Movimentos Feministas que contestam, combatem e desconstroem diariamente problemas sociais relacionados a principalmente a desigualdade de gênero; o reconhecimento do problema por Organizações Mundiais, e a criação de projetos que tem como principal objetivo a mudança do quadro, de desigualdade, de forma contínua. E ao ter acesso a relatos de cientistas de maior tempo de atuação, posicionamentos como o seguinte são muito comuns: segundo Eliane Azevedo: “Existe muito mais possibilidades e mais vantagem para a mulher ter o espaço de se apresentar como uma pesquisadora de primeira linha.”, mostram-nos as mudanças que ocorreram no contexto, onde há o aumento de possibilidades para as mulheres se tornarem grandes cientistas.

Todavia, mesmo com toda luta diária em combate a esta, a disparidade, em questão de número, persiste de forma explícita em pesquisas, em laboratórios, e até

mesmo em salas de aula no ensino básico. Segundo a UNESCO, “Mulheres representam dois terços dos 750 milhões de adultos sem habilidades básicas de leitura e escrita. No mundo, existem mais meninas do que meninos fora da escola. Cerca de 16 milhões de garotas passarão a vida inteira sem pisar numa sala de aula.”.

A mudança do âmbito atual não será repentina, pelo contrário, com base em experiências anteriores, será lenta e diária, porque antes de qualquer coisa, as mulheres tem que se reconhecerem e serem participantes da busca pela revolução. Após a mudança de percepção, a luta será pelo respeito e valorização da mulher em sociedade. Com tais conquistas um novo legado surgirá, onde mulheres não terão medos, e dificuldades a mais, de serem o que quiserem ser.

Através de atitudes razoavelmente simples a mudança irá surgir aos poucos, como por exemplo: promover debates sobre o assunto em redes sociais, em escolas e até mesmo em casa; cientistas estimulem outras mulheres a seguirem o mesmo caminho que vocês; mulheres acreditem no potencial de vocês, acreditem que são capazes de realizar feitos incríveis, batalhem pelos seus sonhos, não deixem que mentes pequenas mudem os seus sonhos, e sejam grandes também, saibam reconhecer a sua importância. Governantes do mundo inteiro invistam em educação, ela é o pilar de toda e qualquer sociedade, valorizem e estimulem mentes brilhantes.

